

## Um Olhar de Cigana: Representações de Capitu em Graphic Novel<sup>1</sup>

Marcia COSTA<sup>2</sup>

Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava-PR

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações de intertextualidade entre as histórias em quadrinhos e a obra literária *Dom Casmurro*, e perceber quais os principais trechos da obra escrita em 1899 por Machado de Assis, foram adotados nesta atual releitura, e como, através do design e releitura textual, os (novos) autores tentaram manter a fidelidade da obra original e se conseguiram, de fato, fazê-lo. Serão utilizados como suporte teórico Linda Hutcheon, no que se refere às mudanças ocorridas nas adaptações, Umberto Eco (2007) e Júlio Plaza (1987), quanto à questão de transmutação intersemiótica; e Wolfgang Iser (1996) quanto à Estética da Recepção. No que concerne ao formato das Histórias em Quadrinhos, apoiaremos nossa pesquisa nos autores Will Eisner (2005) e Waldomiro Vergueiro (2005); dentre outros teóricos, enfocando nossas reflexões para as relações de intertextualidade entre a arte do desenho que conta histórias e a obra literária de Machado de Assis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias em Quadrinhos, Adaptações, Machado de Assis, Dom Casmurro.

### Introdução

O momento atual, devido às tecnologias existentes, diversas ferramentas para que possamos utilizar os meios de comunicação, impressos ou digitais para todo e qualquer fim que nos seja necessário. Pensando nisso, o mercado editorial vem usando esses recursos, aliando textos e imagens para fazer adaptações de obras consagradas, seja no cinema, na televisão ou nas histórias em quadrinhos, de maneira a propor uma releitura e oferecer laser de formas mais estimulantes e de fácil entendimento.

Na linha das adaptações em quadrinhos há publicações que transcendem e acrescentam elementos interessantes à obra literária, independente do suporte que utilizem, permitem uma série de modificações em relação à obra original. Sendo trabalhada com maior liberdade de criação, as adaptações buscam conversar com um público específico,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 ou Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), e-mail: marcia4ever@hotmail.com

<sup>3</sup> Pós-doutora em Ciência da Literatura. Professora do Mestrado em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), e-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

transmitindo um novo olhar e moldando o original com as alterações que ocorreram com a chegada da modernidade e as mudanças nos meios de comunicação impressos ou digitais.

Há, por parte dos programas de formação em literatura, uma resistência que fomenta o preconceito contra gêneros híbridos e suportes alternativos ao do texto impresso tradicional, gerando a ideia errônea de uma tradução substitutiva, que grande prejuízo acarreta à compreensão do fenômeno adaptativo, tal como define Hutcheon (2011).

A adaptação não é vampiresca: ela não retira o sangue de sua fonte, abandonando-a para a morte ou já morta, nem é mais pálida do que a obra adaptada. Ela pode manter viva a obra anterior, dando-lhe uma sobrevida que esta nunca teria de outra maneira (HUTCHEON, 2011, p.234).

A autora reforça que ainda que “esta é uma forma de recontamos as histórias e as mostramos novamente e interagimos uma vez mais com elas - muitas e muitas vezes; durante o processo elas mudam a cada repetição, e ainda assim são reconhecíveis” (2011, p. 234).

## **Desenhando a Literatura**

Podemos encontrar no dicionário Houaiss (2001), a seguinte descrição sobre o termo adaptação:

[...] transposição de uma obra literária para outro gênero [...] ato ou efeito de converter uma obra escrita em outra forma de apresentação, mantendo-se o gênero artístico da obra original e o meio de comunicação através do qual a obra é apresentada. (HOUAISS, 2001, p.78).

Quando nos referimos a um clássico literário, devemos reforçar o quanto esta leitura contribui para que o sujeito que lê, desenvolva um conhecimento acerca do mundo que o rodeia. Visto que é necessário retomar o desenvolvimento sociocultural, econômico e político da época, para que se possa entender, ou ao menos, chegar mais próximo do entendimento da obra, seguindo as referências utilizadas por seu autor. Ler e reler um clássico são descobrir sempre novas histórias.

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos. Naturalmente isso ocorre quando um clássico

“funciona” como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê. (CALVINO, 1999, p.12)

Partindo deste princípio de que há uma relação da obra com quem a lê, a questão da percepção estética passa a ter um papel fundamental, facilitando a compreensão e aliando a imagem ao que está sendo dito. Para Iser (1996), a obra literária tem dois polos: o artístico designa o texto criado pelo autor – e o estético – que é a concretização produzida pelo leitor.

A interpretação tende a mostrar-se objetivista; em consequência seus atos de apreensão eliminam a multiplicidade de significação da obra de arte. Se afirmamos, como sucede muitas vezes, que uma obra literária é boa ou má, então formamos um juízo de valor. Mas quando necessitamos fundar esses juízos, utilizamos critérios que, na verdade, não são de natureza valorativa, mas que descrevem características da obra em causa. Se compararmos essas com as de outras obras, não conseguimos ampliar os nossos critérios, pois as diferenças entre esses critérios já não representam o valor próprio (ISER, 1996, p.59)

As três histórias em quadrinhos escolhidas para este trabalho conseguem manter a identidade do autor, o que é bastante interessante, já que através de uma nova roupagem conta a história se valendo dos termos usados por Machado de Assis, despertando nos novos leitores, e amantes das histórias em quadrinhos, a curiosidade pela obra original, e acendendo nos antigos leitores, a vontade de visitar os “clássicos”. As histórias em quadrinhos tem a seu favor a particularidade de unir literatura e artes plásticas, o que torna sua leitura mais atraente, despertando o interesse para a literatura brasileira, principalmente em crianças e jovens, que atualmente, em sua maioria, preferem os meios digitais aos impressos, quando o assunto se refere às leituras.

Pode-se dizer que em praticamente todos os países do mundo é possível encontrar exemplos de utilização da linguagem dos quadrinhos nos mais diferentes setores ou atividades humanas, seja com finalidades de educação e treinamento, de entretenimento, como fins de divulgação ou publicidade de produtos comerciais.” (VERGUEIRO 200, p.84).

Como vimos, as histórias em quadrinhos estão inseridas em diversos contextos, e foram utilizadas em várias partes do mundo para os mais diferentes fins, segundo (VERGUEIRO, 2009, P. 86): “Instruções de uso de armas, durante a Segunda Guerra Mundial, Iniciativas Governamentais, com uma visão Educativa na França, e no Brasil, o

autor aponta a revista *Tico-Tico*, de 1905, para a divulgação dogmática e cívica”. Fica evidente que o mercado editorial investiu nas histórias em quadrinhos como um suporte de leitura muito utilizado por pais e professores, já que a maioria dessas histórias, adaptadas, trazem uma transposição mais simples que o texto da obra original. De acordo com Silva (2009, p.3), “a adaptação é um processo de diálogo intertextual onde o material original é reconstituído, reconfigurado, em outro universo expressivo”.

Para Pina, (2014, p.75) A linguagem quadrinística, especialmente na Literatura em Quadrinhos, exige uma mediação eficaz”:

Ela conjuga vários elementos organizadores, os quais garantem sua peculiaridade. As adaptações resultam de suas apropriações de cada obra-fonte. Os adaptadores são, antes de tudo, intérpretes da obra original e eles introjetam entre as linhas dos textos adaptados os resultados dessa atividade meio marginal, gerando novas obras. (PINA, 2014, p.75)

Pina, (2014, p.34) reforça ainda: “Penso que a linguagem dos quadrinhos pode provocar esse interesse perdido no tempo e nas malhas da cultura. A Literatura em Quadrinhos pode aproximar as obras canônicas dos leitores internautas deste século XXI”.

### **O Mesmo Olhar de Cigana**

Machado de Assis (Joaquim Maria M. de A.), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da Cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhesse o nome do autor de *O Guarani* para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis. (Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br/>. Acesso: 05/04/2016).

Publicada em 1899, a obra *Dom Casmurro*, carrega uma trama de romance e incertezas que se assemelham muito as telenovelas, ou seja, dois séculos após sua publicação, é uma obra que continua atual e claro, carregada de mistério. “Dom Casmurro surge como momento único de recolhimento: das experiências com a técnica narrativa e, simultaneamente, da ficcionalização de tudo aquilo que, por falta de melhor nome, chama-se de realidade.” (BARBOSA apud GOMES, 2007, pg. 2).

A obra retrata o núcleo familiar de Bentinho, que é enviado ao seminário por promessa de sua mãe quando este nasceu, mas ele não quer ser padre, pois fez juras de amor a Capitu, com a qual se casa mais tarde e tem um filho que passa a ser o fruto da discórdia e ciúmes entre ambos, já que o filho se parece muito com seu melhor amigo e lhe desperta as suspeitas de traição. Aí está o mistério que a obra carrega não se sabe, em momento algum, se as desconfianças de Bentinho tinham fundamento. O autor narra a obra em primeira pessoa e deixa a interpretação final para o leitor.

Durante toda a narrativa do romance, a metalinguagem tem um papel fundamental, dando um tom, muitas vezes jocoso, ou criando cumplicidade com o leitor, que ao invés de apenas ler passivamente, participa do próprio ato de narrar, ao servir de confidente do escritor, transcendendo o próprio texto. (SENDAY, 2011. Disponível em:< [http://bia-senday.blogspot.com.br/2011/01/tese-  
psicologia-na-literatura-em-dom.html](http://bia-senday.blogspot.com.br/2011/01/tese-psicologia-na-literatura-em-dom.html)>. Acesso: 07/04/2016).

Mesmo sendo escrita em uma época carregada de costumes, é possível trazê-la para o momento atual sem que a história sofra grandes mudanças. Sim, alguns questionamentos são feitos, por fatores históricos, mas nada que o leitor não consiga decodificar de imediato.

Dom Casmurro assinala o momento em que o escritor e o romancista se consorciavam equilibradamente, graças à harmonia entre o estilo e a imaginação. Se antes deste romance o escritor tendia a prevalecer, e se, depois dela, o memorialista entraria a preencher o vácuo da fantasia criadora, – em Dom Casmurro se observa a íntima fusão das duas vertentes machadianas. De onde ser a obra-prima de romances, e das mais altas expressões da ficção brasileira de todos os tempos. (SENDAY, 2011. Disponível em:< [http://bia-senday.blogspot.com.br/2011/01/tese-  
psicologia-na-literatura-em-dom.html](http://bia-senday.blogspot.com.br/2011/01/tese-psicologia-na-literatura-em-dom.html)>. Acesso: 07/04/2016).

Ao compararmos a obra literária de Machado de Assis, *Dom Casmurro* escrita em 1899, com três modernas adaptações da obra para as histórias em Quadrinhos, percebemos o quanto a força do texto machadiano se mantém, mesmo passado tantos anos da escrita original. Como afirma Calvino, (1999, p.15): “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”.

A intertextualidade entre as duas obras, faz com que o leitor atual busque informações históricas (em sua memória e ou através de estudos), para interpretar e interagir com a obra machadiana. Na concepção da intertextualidade, o sentido é produto da troca entre leitor e texto. O receptor/leitor, a partir de suas experiências, irá construir sentido, influenciado pelo conhecimento que já detém sobre o mundo. Ou seja, a noção de

intertextualidade desenvolvida por Kristeva - com base em reflexões de Mikhail Bakhtin (1970) – *La poétique de Dostoievski* - sobre o dialogismo – coloca em evidência a constante influência que um produto da expressão cultural exerce sobre outro. Todas as formas de expressão carregam consigo marcas de seu contexto histórico e da recuperação de significados que lhe são anteriores. E esses significados são colocados em movimento na recuperação da memória e da história que o sujeito receptor realiza ao inferir sentidos. Entra, portanto, em cena o papel da história como espaço não centralizado onde circulam e significam as textualidades da mídia – história em quadrinhos - e as textualidades da literatura.

Eco defende pensar adaptação com mudança de suporte consistindo numa forma de interpretação, mas não necessariamente numa tradução. Pois, —as variações são múltiplas, mas se deveria falar sempre de adaptação ou transmutação, justamente para distinguir essas interpretações da tradução propriamente dita. (2007, p.382).

Plaza também acredita que deve haver essa diferenciação, já que o material utilizado para contar uma mesma história, é outro, e logo, deve haver sim uma alteração das estruturas, novos sentidos e claro que vai se distanciar do original, visto que utiliza de recursos antes não explorados ou até inexistentes no momento da escrita original.

Numa tradução intersemiótica, os signos empregados têm tendência a formar novos objetos imediatos, novos sentidos e novas estruturas que, pela sua própria característica diferencial, tendem a se desvincular do original. A eleição de um sistema de signos, portanto induz a linguagem a tomar caminhos e encaminhamentos inerentes à sua estrutura (PLAZA, 1987, p. 30).

O que se nota na adaptação de *Dom Casmurro* é uma preocupação em manter-se o mais próximo possível da ideia original. Mesmo quando o texto sofre alterações, como no caso do roteiro escrito por Ivan Jaf, em 2012, “ele preferiu transferir grande parte das metáforas criadas por Machado de Assis para as imagens – m vez de inseri-las nas legendas; ao mesmo tempo, procurou criar senas inusitadas e fantásticas, nas quais Bento menino interage com Casmurro, mais velho”. (ROSA e JAF, 2012, pg.84).

Percebe-se a preocupação dos roteiristas e designs dos quadrinhos, de fazer esse elo entre a obra original e as suas, seja através dos traços dos personagens, seja pelo texto, o ainda dando ênfase as passagens mais intrigantes do livro.

No site “Quadrinhofilia”, há uma descrição de como o segundo livro adaptado para quadrinhos, também mantém a fidelidade com a obra original:

Adaptação do romance clássico de Machado de Assis. O roteirista Wellington Srbek preserva o texto machadiano, reunindo os 148 capítulos curtos que integram a obra original em 20 partes. O realismo da obra é também transposto nos traços de José Aguiar, que trazem dois estilos para diferenciar a narração feita por Casmurro dos fatos que ele narra. (QUADRINHOFILIA, 2013. Disponível em: < <http://quadrinhofilia.com.br/projetos/dom-casmurro/>>. Acesso: 07/04/2016).

A adaptação mais completa e mais demorada, a meu ver, foi a realizada por Felipe Grecco e Mario Cau. Seis anos trabalhando sem número de páginas determinado, o que normalmente acontece na maioria das adaptações e tentando manter tanto na escrita, quanto nos traços, as marcas machadianas da obra original.

Em entrevista para Paulo Floro, da Revista “O Grito”, em 2013, os adaptadores da obra relatam como foi essa experiência:

Esse trabalho serviu para que eu revisitasse certas resistências em relação ao autor. Arte, para mim, é encontro. Você não pode forçar ninguém a gostar de algo, seja o que for (pintura, cinema, música etc.). Ao forçar a leitura de certas obras, por exemplo, “o tiro sai pela culatra”: em vez de novos leitores, você acaba criando inimigos dos livros. [...] Espero que nossa adaptação de *Dom Casmurro* também funcione como um bom convite para que leitores de quadrinhos sintam vontade de ler o texto original. (GRECCO apud FLORO, Revista “O Grito”, 2013)

O quadrinista Cau, segundo Floro (2013) se rende aos encantos machadianos e descreve o que tentou transpor para o papel, de forma a contar da mesma maneira que Machado de Assis a história de Bento e Capitu:

[...] Machado foi um gênio. O jeito de escrever, sobre coisas comuns, mas temperadas com tantas outras sacadas narrativas, à frente do seu tempo... Especificamente sobre *Dom Casmurro*, ainda me fascina que ele nunca tenha dado uma resposta para a questão crucial da obra. E melhor do que isso, a história é narrada pelo próprio Bento, que é um homem difícil, ciumento, mimado. A opinião dele é distorcida, não é verdade absoluta. E isso tendência o leitor a acreditar nele. É um autor de camadas, de sutilezas, de subtramas elaboradas, e sabia como usar recursos de texto pra criar experiências únicas. (CAU apud FLORO, Revista “O Grito”, 2013)

Quando se trata de quadrinhos, é importante transferir para os desenhos a força textual. Se utilizarmos como exemplo, uma das passagens mais marcantes do texto, quando Bento destaca a força dos olhos de Capitu, percebemos que os desenhos conseguem registrar a frase dita:

Olhos de Ressaca. Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me a outras partes vizinhas [...] mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. (ASSIS, 2008, p.49)

Seja dando destaque aos olhos através dos desenhos, seja utilizando mais quadrinhos para tratar a narrativa machadiana, ao lermos as adaptações é como se nos aprofundássemos no significado do olhar. Poderíamos até dizer que Machado de Assis estudava cada um de seus personagens com muita profundidade, como acontece com os designs, normalmente com algum conhecimento de signos e semiótica.

Segundo Chevalier, no dicionário dos símbolos, (2001, p. 653) “O olhar aparece como o símbolo do e instrumento da revelação. Mais ainda, é um reator e um revelador recíproco de quem olha e de quem é olhado. O olhar de outrem é um espelho que reflete duas almas.”

O autor ressalta ainda (2001, p.653): “O olhar é como o mar, mutante e brilhante, reflexo ao mesmo tempo das profundezas submarinas e do céu.” E aplica versos de Baudelaire para fazer esta comparação:

Homem livre, tu sempre amarás o mar!  
O Mar é teu espelho; contemplas tua alma  
No desenrolar infinito da onda,  
E teu espírito não é um precipício menos amargo  
... Sois todos os dois tenebrosos e discretos:  
Homem, ninguém sondou o fundo de teus abismos,  
Ó mar, ninguém conhece tuas riquezas íntimas,  
De tal modo cuidais de guardar vossos segredos

Ao compararmos os versos à obra de Machado de Assis, podemos dizer que é um resumo muito bem escrito sobre o livro *Dom Casmurro* e certamente daria uma bela análise, o que me proponho a fazer futuramente. De imediato, uso apenas como exemplo

para afirmar que a adaptação da obra para os quadrinhos é carregada de fidelidade tanto na narrativa como no design.

### **Considerações finais**

As adaptações são uma releitura de clássicos, quando se tratam das Histórias em Quadrinhos, Will Eisner (2010, p. 2) descreve que uma adaptação: “culmina num —ato de percepção estética e de esforço intelectual; estamos diante de uma narrativa visual, ou ainda de uma forma de —arte sequencial”.

Em *Dom Casmurro*, notamos que as histórias em quadrinhos tratam essa narrativa visual juntamente com o texto, facilitando uma interpretação por parte do leitor. Claro que quanto mais repertório social cultural, político e histórico este leitor carregar, mais fácil será a forma de decifrar esta arte sequencial, como Eisner descreve acima. Porém, mesmo que o leitor não tenha entrado em contato com a obra original, e não tenha vivenciado o mesmo contexto do autor, através da adaptação, há um despertar para que essa aproximação ocorra, principalmente porque as histórias em quadrinhos aqui citadas, tentam ao máximo, fazer a conexão com o texto original, utilizando trechos fiéis a narrativa Machadoana, ou se valendo dos desenhos para enfatizar as partes mais relevantes da história.

Além de contribuir para despertar o interesse de novos leitores, em sala de aula ou apenas como lazer, as histórias em quadrinhos adaptadas, fazem com que os amantes de literatura, tenham uma nova maneira de reler seus clássicos.

Há por trás disso tudo uma intenção comercial, isso é claro em uma época globalizada e consumista, mas há, também, além de novas oportunidades para os escritores e designers que vem surgindo e se utilizando de novas mídias, um reconhecimento literário de grandes obras que talvez ficassem esquecidas se estas novas releituras não as fizessem emergir em meio a tantas informações que recebemos nos tempos atuais.

É importante ressaltar que, mesmo se utilizando de um clássico e fazendo uma intertextualidade entre suportes distintos e maneiras de dizer o que já foi dito, há um cuidado em manter toda a força da narrativa de Machado de Assis e talvez seja esse o ponto forte das releituras apresentadas. E nós leitores, podemos rever depois de tantos anos da obra original, os mesmos olhos de cigana dissimulada de Capitu e novamente, (re)criarmos várias possibilidades em relação a uma das obras mais misteriosas de Machado de Assis.

Talvez ele tenha sido tão “Dom Casmurro”, que teima até hoje em se manter vivo entre os amantes da literatura.

## REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Letras, 2011. **Machado de Assis**. Disponível em:<  
<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso: 05.04.2016)

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. 2.ed – São Paulo: Ciranda Cultural, 2008 – (Literatura Brasileira)

CALVINO, I. (Tradução Nilson Moulin). **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências da tradução**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FLORO, Paulo. **Entrevista: Felipe Greco e Mario Cau, autores da HQ Dom Casmurro**. Revista O Grito, 2013. Disponível em:<  
<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2013/02/18/entrevista-felipe-greco-e-mario-cau-autores-da-hq-dom-casmurro/>>. Acesso: 07/04/2016.

GOMES, Luciana Teixeira. **Dom Casmurro: da Literatura de Machado de Assis ao Cinema de Moacyr Góes**. Revista Travessias, 2007, n.1. Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte. Disponível em:<  
[http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_001/artigosensaios/DOM%20CASMURRO-%20DA%20LITERATURA%20DE%20MACHADO.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/artigosensaios/DOM%20CASMURRO-%20DA%20LITERATURA%20DE%20MACHADO.pdf)>. Acesso: 06/04/2016.

GRECO, Felipe. **Dom Casmurro/ Machado de Assis**. [adaptação e roteiro de] Felipe Greco; [ilustrações de] Mario Cau; [prefácio de] Paulo Ramos. São Paulo: Devir, 2012.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis:UFSC, 2011

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol 1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAF, Ivan. **Dom Casmurro/Machado de Assis**; roteiro Ivan Jaf; arte Rodrigo Rosa. 1.ed. São Paulo. Ática, 2012.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva. 1987. (Coleção estudos; 94).

PINA, Patricia Katia da Costa. **A Literatura em Quadrinhos Formando Leitores Hoje**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. 90p.

QUADRINHOFILIA. **Dom Casmurro**, 2013. Disponível em:<  
<http://quadrinhofilia.com.br/projetos/dom-casmurro/>: Acesso: 07/04/2016.

SENDAY, Fabiane Mathias Ferreira. **Psicologia na Literatura em Dom Casmurro**. Traição ou Obsessão: A dúvida que paira no final do Romance. Tese de 2011. Disponível em: <http://bia-senday.blogspot.com.br/2011/01/tese-psicologia-na-literatura-em-dom.html>. Acesso: 07/04/2016.

SRBEK, Wellington. **Dom Casmurro/Machado de Assis/** roteiro de Wellington Srbex; Ilustrações de José Aguiar – 1e.d, 2.reimp – São Paulo: Editora Nemo, 2015. 80p. il

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Adaptações literárias no cinema brasileiro contemporâneo: um painel analítico**. In: Rumores – revista online de comunicação, linguagem e mídias, São Paulo, v.2, janeiro-abril de 2009. Disponível em:<  
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/viewfile/6544/5951>.  
Acesso 04/04/2016.